

Gabriella,

ou

A Camponeza Fidalga.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Drama original portuguez.

Em tres actos, e cinco quadros.

In totis, magis potest felicitas, quam alterum.

A.

*Le goût change, mais l'inclination ne
change point.*

Instituto Politécnico de Lisboa

(Max. de La Rochefoucauld.)

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Lo 3º de P. apumio 1844 —

1
p.º 69.

Gabriella,

ou

A Camponeza Fidalga.

Drama em tres actos, e cinco quadros.

Personagens.

D. Alvaro,
D. Gonçalo, } Fidaigos portugueses.
D. Antonio, }

Gabriella, que passa depois a ter nome de Leonor, Camponeza e filha de —————

Ambrosio — Lavrador pouco abastado.

Girão — Cura da freguezia de Collares.

Rodrigo Pereira,
Augusto de Menezes, } Cavalleiros portugueses, e amigos
João de Noronha, } de D. Alvaro.

Algunhas Damas de distincção, que fallão.

Anastasia — Camponeza, velha.

Margarida,
Joanna, } Criados de D. Alvaro.
Mathias,
Romão, }

Camponezes e camponezas, dos quaes alguns fallão.

A scena passa-se em Portugal, no principio
do reinado de D. João II.

Gabriella

Drama em tres actos, e cinco quadros.

Acto primeiro.

A scena passa-se em Cintra. — Salta elegantemente preparada, conforme o gosto do século 19.^o — Casa de D. Alvaro. — São 8 horas da noite.

Scena primeira.

D. Alvaro, e D. Gonçalo.

D. Alv. — Então, D. Gonçalo, que me digeis acerca das festividades, a que ha dado logar a aclamação do nosso Rei, o Senhor D. João 2.^o?

D. Gonç. — Digo-vos que as tenho tido por muito bonitas, de bom gosto, e sobremaneira dignas de tão excellente Monarcha.

D. Alv. — Certamente. Todo o povo se tem empenhado no testemunhar-lhe com festas publicas a alegria sincera, que ressentia, vendo-o sentado sobre o throno.

D. Gonç. — Bem merece elle que tudo isto lhe façamos; pois quem tão dignamente nos soube governar, na ausencia de seu pae, em França, é de esperar que ainda melhor agora nos governe, sendo Rei completam.^{te}

acclamada feito.

D. Alv. — Com tudo, para mim tenho que elle conta g.^{de} copia de inimigos. Muitos mesmo dos que o louvao, e lhe dao exteriores mostras de affeição, o temem e aborrecem.

D. Gonç. — Quem o duvida? Que Rei ha que deixe de os ter, por muito bem que governe ou dirija o bem do Estado? E ate mais que os outros os elle tem; porque tao bem mais que os outros carece agradar, não ficando todavia contentas a todos.

D. Alv. — É verdade; mas, o povo, em geral, pensa differentemente: quer que o Rei a todos faça mercês, que tudo perdoe, tudo saiba. Se premia o merecimento ou os bons serviços, é padrinho; se os esquece, é ingrato, é descuidado; se castiga os vicios ou os crimes, é cruel, é despota; se os não castiga, é brando, é indulgente; com que, caro amigo D. Gonçalo, triste e bem triste condicão é a de governar!

D. Gonç. — Por certo; antes ser vassallo. Se nós muito soffremos em aturas ás vezes minha duzia de criados, o que não será reger tantos individuos!

D. Alv. — Eu tao bem não invejo a sorte de governar; mas pensando a outro assumpto; não sabeis que El-Rei negociou a Nuno Pereira a mercê do Alvará que lhe havia

3
passado em tempo de D. Affonso V, no qual o fazia Con-
de?

D. Gonç. — Nada sei a semelhante respeito! Como
elle não será agastado contra o novo Rei!

D. Alv. — É provavel. Não sei se estais ao facto
do negocio?

D. Gonç. — Tenho ácerca disso algumas ideas.

D. Alv. — Pois en vos explicos. Havia elle grande
valimento para com o Senhor D. João, quando Principe,
e fiado n'isso, Nuno Pereira tinha obtido do Senhor D. João
ahorá em que o fazia Conde; logo depois da morte do
Senhor D. Affonso V, apresentou-se-lhe elle, exigindo o
cumprimento da mercê; mas o novo Rei, conhecen-
do que em lugar de recompensa merecem castigo todos
os que abusam da facilidade dos Principes de pouca
idade para conseguis d'elles alguma graça, lá a negou.

D. Gonç. — Assim é; mas á primeira vista parece
que o Monarcha, como Rei, devia dar cumprimento á
sua palavra, embora conhecesse elle esse abuso; tanto mais
havendo-lhe elle sido sempre tão afeccionado.

D. Alv. — Certo; mas é de presumir que fosse isto pa-
ra deixar aos vindouros um exemplo desta natureza. Com-
tudo, supponha-se que para o futuro lhe ractifique a

mercé

D. Gonç. — Não duvido; porque El-Rei é muito um amigo. Diz-se também que S. Alteza cuidará em se informar dos vassallos que se hão distinguido por algum talento, para os premiar; e manter por este modo a emulação entre elles; e que terá igualmente particular cuidado em mandar punir os que cometerão algum crime no reinado antecedente.

D. Alv. — Creio que o já dissera ao Payo, mais particularmente. O que me parece é que pouco tempo persistirá em Lintra, pois se assegura que já marcou dia para a Junta dos Estados em Évora.

Scena II.

Os mesmos, e D. Antonio.

D. Ant. — Entre amigos são usadas cerimoniaes e etiquetas; disse ao guarda-portas que não era mister annunciar-me. Tenho a honra de os vaudar.

D. Alv. — Oh lá, D. Antonio! por cá!

D. Ant. — Grande admiracão é esta; mais me devo em admirar de vos ver em casa mettidos em dias tão festivos; mormente sendo n'um sitio onde por esta occasião mil festas se fazem, mil folguedos se executão não só

aqui em Lintón, senão em seus arredores. Agora venho em de Collares, onde vi boas camponegas, festejando com primos dias de tanto prazer. E como sei que não desgostais de tudo quanto bom é, á pressa vos venho dizer se quereis ir até lá.

D. Alv. — Promptissimo. Boas camponegas! quem dirá de querer ver tais coisas! (A D. Gonçalo.) Creio que D. Gonçalo também nos dará o gosto de ir em nossa companhia?...

D. Gonç. — Porque não? De boa mente.

D. Alv. — Então vamos, vamos sem demora.

(Retiram-se pela porta do fundo.)

(Abertura de scena em uma das mais bonitas vistas de Collares, com illuminação; achando-se já para o fundo da mesma scena grande numero de camponegas e camponegas, que dançam ao som de alguns instrumentos. — A um lado veem-se em expectativa alguns cavalheiros com varias damas de distincção. — Passado algum tempo, apparecem os tres fidalgos, a quem os camponegas saudão, logo que finda a dança. — Os músicos devem estar sentados entre os bastidores.)

Scena III.

D. Alvaro, D. Antonio, D. Gonçalo e os demais.

D. Alv. — (Aos camponegas.) Folgamos sobremaneira

de vos ver tão prazenteiros! Permitti que também façamos parte de vossa fúnebre.

Um dos camp. — Pois não, fidalgo! não honra bastante nos dais!

D. Alv. — (Para os espectadores que estão em scena.) Procuremos todos parar; esqueça-se hoje a fidalgia.

(Immediatamente procuram todos parar, e D. Alvaro escolhe Gabriella. — Terminado o baile, os camponeses descançam sentados a um lado, e as camponesas a outro. Os cavalleiros e os fidalgos reúnem-se em grupo separado, em pouco ao meio da scena, no segundo plano; e as damas, passando pelo lado onde se acham as camponesas, reparam em Gabriella, e a conduzem para a frente da scena.)

Dama 1.^a — (A Gabriella.) Bella camponesa, vinde cá, pois desejamos fazer-vos algumas perguntas.

Gabr. — Obedeço, minhas fidalgas. (Com modestia.)

Todas. — Como é obdiente!

Dama 1.^a — (Para Gabriella.) Levantai os olhos, menina! Que vivacidade nellas! que docura, que voluptuosidade! e ella soubera o que elles exprimem!... que conquistas não faria uma habil namorada com estes olhos!... Esta boca! como é linda! como são vermelhos seus labios! como é brilhante o esmalte de seus dentes! Sua cor recente-se

do ar; mas é cor de saudade.

Dama 2.^a — Vede este pescoco de marfim arredondar-se sobre suas bellas espaduas. Como lhe ficaria bem um vestido de Corte! E este pequeno seio, que o mesmo amor parece alli haver collocado!

Dama 3.^a — É uma verdade notavel! A quem vae dar seus dons a natureza! onde se vae occultar a belleza! Que idade tendes, menina?

Gabr. — Fiz quinze annos o mez passado.

Dama 3.^a — Sem duvida, bem depressa vos hão-de casar.

Gabr. — Meu pae diz que não ha pressa.

Dama 3.^a — E vós não tendes no coração algum amorzinho? Não desejais que vos deem por marido algum rapaz?

Gabr. — Eu com isto não me metto; a meu pae pertence essa cuidado.

Dama 3.^a — Que faz vosso pae?

Gabr. — Cultiva umas terras.

D. 3.^a — É rico?

Gabr. — Senhora, não; mas diz que é feliz se eu for bem-nesta.

D. 3.^a — E em que vos occupais?

Gabr. — Ajudo meu pae. Com elle trabalho.

D. 3.^a — Com elle! Que! cultivais a terra?!

Gabr. — Senhora, sim; mas o tratamento que a vinha

requer é para mim um divertimento.

D. t.^a — Infeliz menina! agora me não admiro de que suas bonitas mãos sejam endurecidas. Que pena que haja nascido em um estado vil e desprezível!... Mas não a importunemos com mais perguntas; deixemo-la descansar, que deve estar fatigada. Descançai; descansai; nós-vos-o rogamos.

Gabr. — Obedeço.

(Vae sentar-se junto de um ormeiro que deve figurar-se no pr.^o plano da scena.)

D. t.^a — (Para as demais damas.) E nós fazamos o mesmo.

(Todas procurarão sentar-se em torcos bancos, que devem estar collocados aos lados da scena. — Ao mesmo passo todos os outros que são em pé procurarão sentar-se de forma, que fiquem a dois e dois em cada banco; e figurarão conversar, excepto D. Alvaro e Gabriella, que faltarão, situados á frente e ao lado da scena.)

Gabr. — (A' parte, na occasião de ir sentar-se.) Nunca me vim ao pensamento que eu fosse digna de tortura! Mas aquellas senhoras têm razão. Que differença dos vestidos dellas ao meu! Que frescura, e que lustre na branda e ligeira seda, que fluctua em longas pregas á roda dellas! que capatoz

tão delicados! com que graça estão penteadas!....

D. Alv. — (Indo sentar-se junto de Gabriella.) Bella camponesa, para aqui venho fazer-vos companhia. Conversemos um pouco mais á vontade, em quanto a musica nos não chama para outra nova dança.

Gabr. — (Com modestia.) Senhor, que hei-de eu dizer-vos.

D. Alv. — Contai-me vossos amores; digei-me se ainda estais solteira; e se amais o viver no campo?

Gabr. — (Com modestia.) Vós, Sr., me envergonhais, se me fallais em amores, quando eu disse nada sei; logo já vedes que me conservo solteira; só se meu pai me tratasse o casamento. Quanto ao estar no campo, acho bem bonita morada, mesmo para os que nelle trabalham.

D. Alv. — Porque, acaso trabalhais no campo?

Gabr. — Ainda meu pai a cultivar a vinha.

D. Alv. — Ah, bella menina! não foi para isso que a natureza vos dotou de tanta formosura; uma melhor sorte vos espera.

Gabr. — Que melhor sorte que a de viver com meu pai, a quem muito estimo, e com quem passo uma vida livre dos cuidados do mundo, onde não poucos se papão, segundo ouço contar.

D. Alv. — Não é tanto assim; ha muita gente que vive no mundo sem cuidados, nem trabalho, e tendo qua-

si sempre uma vida divertida. Porém, digei-me vósso nome, pois estou já impaciente por sabê-lo: haverá nisso alguma duvida?

Gabr. — Nenhuma. Chamo-me Gabriella.

D. Alv. — Como é igualmente bonito vósso nome! Tendo em vós é encantados; modestia, belleza e moço! Deveis fazer por certo o adorno, e o encanto destes sitios.

Gabr. — Ah, senhores! vós me confundis, me encheis de vergonha com vossas lisonjas.

D. Alv. — Não, não são lisonjas; fallo-vos serio, digo-vos o que sinto; e até mesmo... Sim, forcoso é confessar-vos-o, vossa belleza e maneiras hão produzido em meu peito, isto a que dão nome de sympathia, uma força occulta, um não sei que, que me obriga a dizer-vos que não mais nos separaremos, que já vos não deixarei, que sempre serei vósso pai, embora haja quem nisso repare; como já vos amo, pouco me importão censuras.

Gabr. — Ah, senhores! isto é para mim solieja honra; mas causaria desgosto ás minhas companheiras; por que as minhas são muita Villa muito ciotas.

D. Alv. — Certo o devem ser de vos verem tão formosa; e o mesmo acontecera em Lintz, em Lisboa, ou em qualquer outro logar onde vos achasseis: é uma infelicidade.

7
que vos ha-de acompanhar por toda parte. Se na Corte
vos vissem de improviso apparecer com esses encantos tão
naturaes, de que vós não fazeis caso!...

Gabr. — Eu, senhor, na Corte! e que faria eu ahi?!?

D. Alv. — As delicias de todos os olhos, a conquista de
todos os corações.

Gabr. — Ah, senhor! não sejais tão bronguiro; pois não
vós em vós tantos encantos.

D. Alv. — Nisso mesmo vos tornais, mais encantadora.
Ouvir, cara Gabriella, aqui não temos a liberdade de fallar-
mos... mas em duas palavras, só de vós depende o terdes em
vez de uma desprezível cabana, e de uma vinha para cultivar,
um palacio ornado de ouro e sedas; uma mesa servida con-
forme vossos desejos; os mais apraziveis moveis; vestidos pro-
prios para todas as estações, de todas as cores; tudo o que
faz o encanto de uma vida commodã, tranquilla e de-
liciosa; sem outro cuidado mais do que gozar, e amar-me,
como vos eu amo.

(Aqui um dos camponizes, a quem os outros obedeem, le-
vanta-se, e pede que escolhamos parer. Então, todos se es-
guam, e também D. Alvaro e Gabriella.)

D. Alv. — (A Gabriella.) Não quizeram deixar-vos,
mas será melhor que desta vez lanceis antes com uma de

meus amigos. Agora só vos peço lo que vos diga o mais in-
violavel segredo; se elle vos escapar, toda a felicidade que
vos espera se desvanecerá qual sonho enganador. Logo me
dizeis se meu amor vos interessa; e se aceitais minhas of-
fertas.

(Dito isto, dirige-se a D. Gonçalo, e lhe pede que dance
com Gabriella. Entretanto, fica esta fallando em
oculto.)

Gabr. — (A si mesma.) Quanto é amavel este mo-
ço! No jeito e traço parece ser algum fidalgo! De to-
das as taparigas destes arredores só de mimo gostou! Na-
da tem de soberbo; é tão hum e meigo! E em sua
linguagem, que amavel doçura! Não tem modos de enga-
nador; fallou-me tão seriamente! affirmou em seus olhos como
em suas expressões observei tão boa fé! Mas porque
será aquelle segredo, que elle tanto me recommendou?
Fazendo-me feliz, quer elle que o eu ame; nada ha ma-
is justo; mas elle sem duvida consente que meu pae
tenha comigo parte em suas offeras; porque pois oc-
ultas-mos delle?

(Dado o signal, começa a musica a tocar para se re-
petir a dança. — Já todos tem seus pares, excepto
D. Gonçalo, que vem ao encontro de Gabriella. — Dan-
ça. — Terminada a dança, uns ficam passeando com

seus pares, outros vão sentar-se; e D. Álvaro vai pedir a Gabriella um passio, e avança com ella para a sala.)

D. Alv. — (A Gabriella.) Estou impaciente por saber o que tendes resolvido.

Gabr. — De não dar um só passo sem o consentimento de meu pae, e de seguir em tudo seus conselhos. Se vós me fazeis bem, quero que elle o participe; e se vós sigo, importa que elle o consinta.

D. Alv. — Ah! guardai-vos de consultas; é mortalmente a elle a quem devo temer. Ha entre vós, no casamento, formalidades, que meu nome e estado me prohibem seguir. Nosso pae pretenderia de certo obrigar-me a ellas; exigiria de mim o impossível; e recusando-me eu, elle me accusaria de haver querido enganar-vos. Elle não sabe quanto vos eu amo; mas vós, Gabriella, suppondes-me capaz de vos fazer mal?

Gabr. — Ah! não! ... eu vos julgo a mesma bondade.

D. Alv. — Podes pois desconfiar de mim?

Gabr. — Não desconfio de vós; mas não posso occultar-me de meu pae: pertenco-lhe; dependo d'elle. Se o que me propondes me convier, elle consentirá.

D. Alv. — Nunca o permitirá. Ter-me-heis perdido, e disseis arrependereis; ah! já não será tempo; e condemnada sereis por toda vida a esgarar vós trabalhos, que sem duvida amais, pois que não quereis dissipal-os. Ah, Gabriella! esgar mais delicia-

das, são por ventura feitas para cultivar a terra? será possí-
vel que devore o calor as cores desse bello rosto? Não o encanto
da natureza, todas as graças, todos os amores!... Não, Gabriella,
convenis-vos em uma vida penosa e obscuro! acabar por ser a
mulher de algum grosseiro camponez! envolver-se na in-
digencia, sem ter experimentado alguma desses prazeres que
sempre vos devem acompanhar! eis-aqui, que preferis as de-
licias da abundancia e do descanso, que eu vos prometto. E de
que depende vossa resolução? O receio de causar alguns momen-
tos de inquietação a vossa mãe? Sim, vossa fugida o affligirá;
mas depois, qual será sua alegria, vendo-vos rica de muitas
dadivas, com as quaes também elle se enriquecerá? Que doce
violencia lhe não fareis, obrigando-o a deixar sua caba-
na, e entregar-se ao repouso? pois que desde então não terei
eu a recar mais negativas: minha felicidade, a vossa e a
sua serão para sempre firmes.

Gabr. — Assim será, mas...

D. Ant. — (Aos camponezes.) Agora, bons e amáveis
camponezes, já que honrámos vossas danças, dançando também
com vós, esperamos que nos deis o gozto de ouvirmos vossas
cantigas.

Um dos camp. — De boa mente o faremos.

Uma camp. — Podem ser aquellas que esta manhã já cam-
tinhamos. 9

Outro camp. — As que foram feitas ao nosso Rei D. João?

Outro — Sim, essas.

(Todos se levantam e cantam, excepto os fidalgos, as damas e
os cavalleiros.)

(Cantigas, acompanhadas, com a orchestra.)

1.^a

Do nosso Rei Dom João,
Que contamos por segundo,
Seus bons feitos e virtudes
Se ouvirão em todo mundo.

2.^a

Logo pois, vamos cantando
D'ante-mão seu bom reinado;
O que esperamos sem gozar,
Sendo Rei tão apasado.

3.^a

Nossos canticos grapseiros
Por certo mesquinheiros são,
Para serem empregados
Nesta tão digna função.

(Findas estas tres cantigas, ouve-se um sino dar signal
de incendio, e ao mesmo tempo apparece ^{ao longe} um clarão,

que ora diminui, ora augmenta. — A este toque ha grande movimento na scena, e um novo camponez apparece.)

Scena IV.

Os mesmos, e outro camponez.

Camp. — (Com precipitação.) Acudão! acudão! que ha fogo na casa de Ambrosio! (Indicando o clero.) Ohai, não e' daqui muito longe.

Todos — (Consternados.) Incendio!... Incendio!...

Gabr. — (Perturbada.) Incendio em minha casa!... em casa de meu pae!... (Levando as mãos á cabeça.)

Oh desgraçada de mim!

(Todos se retiram em confusão. — Desce o panno.)

Escola Superior de Teatros e Cinemas
Fin do primeiro acto.

Acto Segundo.

(Vista de campo, em Colares, com differentes entradas, cortadas ao meio da scena até aos seus dois terços posteriores, em planos inclinados, e tanto mais attos quanto mais se appropinham para o fundo. — A um dos lados e no plano anterior descobrem-se restos de cabanas queimadas; em face deitas ve-se uma cabana pertencente a uma velha, que por caridade recebe os desgraçados. — Divisão-se aqui e acolá mais algumas cabanas. — São 9 horas da manhã.)

Instituto Politécnico de Lisboa
 Escola Superior de Teatro e Cinema
 Cena primeira.

Ambrosio, só, sentado á porta de uma beneficentora.

Ambrosio. — (Levantando-se vagarosamente.) Ah, infeliz de mim!... como poderei supportar tão grande desgraça!... tão sensivel perda!... como terei valor para ir ver meu pequeno campo, quando ha poucas as chammaas destruidoras me roubarão o que esta terra me deu; no espaço de mais de um anno, com o auxilio de meu trabalho, e do trabalho de minha filha!... ah! ella se occulta no interior daquela humilde cabana (indicando-a); cuja é dona uma velha honrada e benfazeja, que condeida de nosos infortunios, carinhosa e de bom grado nos acolheu em sua humilde habitação não só a mim e a minha filha, senão

tão bem aos outros que comigo participarão do desastroso
incendio!... Agora... bem quizera ir para o trabalho;
mas... falta-me o animo!... abandonão-me as forças!...
(Encara nas cabanas, e estremece.) Ah! sinto esfriar-se-me
o cerebro!... (Caminha para a porta da cabana, e torna
a sentar-se onde estava.) Meu Deus, conservai-me o juizo!...
(Leva as mãos á cabeça, e encobre com ellas o rosto.)

Anat. — (Entre o limiar.) Senhores Ambrosio, que é isto?!
Vinde para dentro tomar algum alimento; vinde, vinde al-
moças e consolai vossa filha. Conformai-vos com a vonta-
de de Deus; animai-vos uns aos outros, que o Todo-Pode-
roso será providente. Vós por um lado a exclamar, e
vossa filha por outro a carpir! Isto não tem gosto. En-
traí, entraí cá para dentro.

Ambros. — Já vos obedeço, boa vizinha; deixai-me
por um momento...

Anat. — Bem! entrão não fiquéis ahí; não vos
entregueis á paixão.

(Retira-se.)

Scena II.

O mesmo, e D. Alvaro, D. Antonio e D. Gonçalo,
que entrão por um dos lados do plano
medio da scena, atravessando

esta para chegar ao lugar onde está Ambrosio.

11

D. Alv. — (Para os dois companheiros, já um pouco próximos de Ambrosio.) Vamos, amigos, que somos perto do lugar da catástrofe; dentro em pouco estaremos com aquelles infelizes; levemos-lhes a consolação. Pouco ha-de custar a cada um de nós o tirar tres ou quatro familias da desesperação, a que as reduziu este incendio. Justo é que tenha agora parte em sua dor quem a houve em sua alegria.

D. Ant. — É esse juntamente meu desejo; vamos, vamos dar-lhes a esperanza e a coragem.

D. Junc. — Continuemos pois nosso caminho sem demora; quanto a mim já me tarda também indemnizar-los de suas perdas; consolal-os em suas magoas, e surprehendel-os com os nossos beneficios.

D. Ant. — Creio que já somos perto, porque me vem o cheiro a madeira queimada.

D. Alv. — É verdade, agora o também sinto. Qual não será a magoa em que Gabriella e seu pai hão-de estar reputados!... (Caminhão até ao primeiro plano da scena.)

D. Junc. — Coitados! Tenho bastante pena dellas! e momento da pobre moça! É ella sobremanceira gentil! pode-se-lhe mesmo chamar formosa! Foi a camponeza

de quem mais gostei no tal baile campestre; é realmente encantadora! conde-o-me de que ella viva n'uma cidade tão humilde; vindo provavelmente a ser mulher de algum villão!

D. Alv. — (A parte.) Começo a nutrir desconfianças contra este meu amigo! supponho que tenha rival!... mas talvez isto seja dito naturalmente!... como o eu diria, por exemplo, ainda que a não amasse.

D. Ant. — (Reparando nas cabanas queimadas.)
Eis-nos no sitio do incendio.

Os outros dois — É verdade! infelizes!... (Olhando.)

D. Gonç. — ellas ninguém por aqui vejo! (Dirige suas vistas para o outro lado.) Oh, para mim tenho ser este algum dos desgraçados! (Os outros dois reparão também em Ambrosio, e D. Gonçalo continua.) Serão vós (para Ambrosio) algum dos infelizes?

Ambros. — (Levantando a cabeça.) Sim, senhores.

(Continua a ficar na mesma posição em que era.)

D. Gonç. — E os outros que convosco houverão parte em semelhante desventura, onde estão?

Ambros. — (Apontando para dentro da cabana.) Estão para dentro desta cabana.

D. Gonç. — (Batendo à porta da cabana.) Pode-se en- 12
trar?

Anast. — (Entra o limiar.) Que pretendem os senhores?

D. Gonç. — Socorrer todos estes pobres desgraçados.

Anast. — Ah, bemfazeres creaturas! podeis entrar!

(Entram D. Gonçalo e D. Antonio; e fica D. Alvaro con-
versando com Ambrosio.)

D. Alv. — (A Ambrosio.) Amigo vejo-vos consterna-
do; mas não desespereis: o ceo é justo, e entre os homens
ainda ha beneficor corações.

Ambrosio. (Levantando a cabeça e descobrindo a face.) Ah!
senhor! é a um homem que serviu sua patria por espaço
de vinte annos; a um homem que se retirou coberto de
feridas; e que donde então não tem cepado de trabalhar; é
a elle que se ha-de dar soccorro? A colheita deste anno,
de meu suor regada, não devia ella dar-me com que po-
desse continuar a cultivar a terra?!... Todo o trigo, que
eu tinha no celeiro, todo o vinho, que havia na adega, os
mesmos bois, tudo me levou o malfadado incendio!...
Ah! acabarei eu, mendigando o meu pão?!

D. Alv. — Que alma tão nobre e activa em homem,
ao parecer, obscuro! — (Para Ambrosio.) Tendes pois servi-
do a patria?

Ambr. — Sim, Senhor; entrei em diferentes combates
contra os mouros em Africa; e por ultimo peleei no
famoso cerco de Alcasar — legues, quando aos vimos apes-
tados dos mermos mouros, a quem roubemos repellis e des-
baratas com valor portuguez. Era entao nosso comman-
dante D. Henrique de Meneses, filho de D. Duarte. Meu
pae tinha com que me sustentas no porto a que eu ha-
via chegado; mas ao tempo em que fui reformado, fi-
cou elle arruinado totalmente. Para aqui nos vimos
occultas; e com o resto de nossas riquezas compramos um
pequeno campo, que eu cultivava com minhas proprias
maos; conhecido não era meu primeiro estado; e este
em que eu parecia ter nascido me não fazia vergonha.
Sustentava em meu pae, e o consolava. Cusui-me, e eis
minha infelicidade; voji a vinto!...

D. Alv. — Vosso pae já não existe?

Ambr. — Ah, Senhor! não!

D. Alv. — E vossa mulher?

Ambr. — E' ella muito feliz de não haver observa-
do esse dia funesto, em que perdemos todos nossos bens, ad-
quiridos com tanto trabalho e fadiga; ficando-nos so-
mente um bocado de terra, que me não animo a olhar,

por ver nella uma recordação dos productos, que fazião a es-
perança de um melhor porvir, e que infelizmente hoje
reduzidos a cinzas!... (Solucando.)

D. Alv. — Ora pois, animai-vos, que Deus nunca desam-
parou os afflictos... (Repara n'elle.) Então, que é isso?!
não pareceis um antigo militas, um guerreiro das nos-
sas conquistas da Africa! costumado naturalmente a
privações e incommodos.

Ambr. — Assim é, senhor; porém neste tempo não
tinha eu familia, e hoje a tenho!

D. Alv. — Porque, ficarão-vos alguns filhos?

Ambr. — Uma filha me ficou, senhor! e a infeliz!...

Alv. — não ouvis seus soluços? Ella se occulta para o in-
terior desta cabana; de mim se afasta, por me não despe-
dicas o coração!

D. Alv. — (A parte.) Ah! quem podera entrar na
cabana! (Para Ambrosio.) Pois não vos amfineis; aqui
tendes (Da-lhe uma bolsa com dinheiro); aceitai. Este socor-
ro é muito pequeno; mas quando precisardes mais, lem-
brai-vos de D. Alvaro, quer em Cintra, quer em Lisboa
onde por mais tempo habito.

Ambr. — Ah, senhor! veris vos algum anjo?!...

D. Alv. — Já vedes que a Deus não esquece pro-

teger os infelizes, valendo-se de nós outros, como de instrumen-
tos para acudir aos afflicto, aos fálto de meios. E quantas
vezes nos dá elle um mal, para nos-o substituir por um
bem maior do que antes tínhamos!

Ambr. — (Levantando-se com animação.) Por certo, Senhor!
por certo!... nós vois um anjo, eu vo-lo repito!... Permit-
ti, permitti que meus labios se imprimão n'essas mãos bem-
feitoras!...

(Querendo beijar-as.)

D. Alv. — (Recusando.) Para que, bom homem? não
é necessário. Não façais alarma deste pequeno beneficio;
porque podeis ser ouvido, e não ha mister que se saiba quem
vos soccorrem.

Ambr. — Ah, Senhor! cada vez faço de vós mais bom
conceito.[†]

D. Alv. — (Olhando para dentro da cabana, e appro-
ximando-se.) Amigos, se já consolastes estes tristes, podemos
retirar-nos.

Os dois — (Sahindo de dentro da cabana.) Sim, pode-
mos.

Os camp. — (Entre o limiar.) Adeus, Senhores; mil
amores vivão; Deus vos pague por tantos favores, que nos fi-
zeis! Elle vos guie. (Recolhem-se.)

(Os fidalgos caminham em retirada; e entretanto Ambrosio abre a bolsa, e conta trezentos cruzados em oiro.) 14

Ambrosio. — (Com espanto.) Trezentos cruzados em oiro!... mais que o dobro do rendimento de minha pequena fazenda!... (Olhando para a cabana onde se acha Gabriella.)
— Minha filha, minha filha, vinde cá depressa.

Scena III.

Os mesmos, e Gabriella, vestida com extrema simplicidade.

Gabriella. — (Apreçada.) O que é, meu pai, o que é?

Ambrosio. — (Indicando-lhe D. Alvaro.) Repara, repara n'aquelle que se retira; o que vai atraz dos outros; elle não é homem, é um anjo do ceo! Mas que penso eu?... não, não é possível que elle pretendesse dar-me tudo isto! Gabriella, vai, corre apor elle, e faz-lhe ver que ha muita emola algum engano.

(Retira-se para a cabana.)

(Gabriella segue apreçada D. Alvaro, que com seus acompanhados, acaba de sahirs da scena no momento em que ella chega ao mesmo sitio por onde elle se retira; entao, de entre os batedores o chama.)

Gabriella. — (Acenando com a mão.) Senhores, senhores...
Vós vos mesmos... meu pai não pode acreditar que lhe

tenhais querido das esmola tão avultada; elle me envia
para vós a retribuição.

D. Alv. — (Aparecendo.) Ah, Gabriella! não é vósso
e de vósso pae tudo o que eu posso? posso eu pagar-lhe
com exatidão o ter-vos feito nanceas? Levai-lhe, levai-lhe essa
peça d'adivã; e dizei-lhe que ella é somente uma prova de
minha boa vontade; um desejo de acudir a um desgraçado.
Occultai sempre o motivo. Hoje ao anoitecer, ^{o principio} no fim da ves-
ta eu reciberei se quizerdes, vossos agradecimentos, dando-me
um adeus de despedida.

Gabr. — Que! é hoje que vos ides?!

D. Alv. — Sim, hoje mesmo preciso partir para Lis-
boa; e vou sobremaneira amoroso; mas o mais infeliz de to-
dos os homens!

Gabr. — Ao anoitecer!... é quase a mesma hora
a que eu me recosto do trabalho!

D. Alv. — Porque, não vinder com vósso pae?!

Gabr. — Não, elle sabe depois: vou eu que tenho a
meu cargo apertar o governo da casa, como o tratar da con-
dição; por isso saio primeiro do trabalho para cuidar da
cá, e para elle vou depois para deixar a casa arranja-
da.

D. Alv. — E acaso passais pelo caminho que fica

no principio da villa á direita?

Gabr. — Certo fica dahi o logar por onde passo; mas ainda que longe fôra, e fôra mistes desviar-me do caminho, isto seria o menos que vos devesse por tantas demonstrações de amizade, e por tantos beneficios.

D. Alv. — Não me confundais; tudo isto é nada para quem tanto merece. Adeus pois, linda Gabriella; adeus até ao cerrar-se o dia. Que vos eu veja, ainda que só por um instante! Será este para mim o ultimo prazer de minha vida.

(Vae - n.)

Gabr. — (Já no primeiro plano da scena.) Ah! se não fôr meu pae, que prazer não teria em me seguir-o! Já nunca mais o verás! Que presta que eu seja mais ou menos bonita a seus olhos? Por um momento não vale a pena!

Scena IV.

A mesma, os camponeses e Ambrosio, que sahem da cabana de Anantaria.

Gabr. — (Para Ambrosio.) Meu pae, não fiquis em duvida acerca da offerta daquelle bifeito. — (Dá-lhe a bolsa.) Aqui tendes. Dize-me elle que vos trouxe esta franca lardiva; que era somente uma prova de ma

boa vontade; e que elle era muito feliz com beneficios sem
homem desventurado. Quiz en agradecer-lhe; mas logo elle
se retirou, sem que me desse tempo a fazel-o.

Ambr. — Ah! que bom mancebo! que excellentes cora-
cão

1.º Camp. — Quem seriam aquelles benefactores? que
almas tão generosas! que maneiras, que elles tinham! não
deixão de ser algumas pessoas muito gradas! Procurarão
todos os meios de diminuir as nossas penas; já dando-nos di-
vulso, já animando-nos com as mais consoladoras e su-
aveis palavras.

2.º Camp. — (Que mostra ser já velho.) Ah! con-
solado, sejão elles no reino do ceo! pois que assim nos con-
solarão nossos corações opprimidos com perda tão inespera-
da!... Isto não deixou de ser inspiração divina que os
aqui conduziu, para servirem de allivio a tão grande
magoa!... (Como quem olha para o Ceo.) Ah, Senhores!
quão extenso é vosso poder e bondade!... protectores de todos
os desgraçados, já mais os deixais viver na miseria sem
algum auxilio; consolador dos tristes, nunca consentis que
uma tristeza seja duradoura; enviando sempre mãos ben-
feitoras, que alliviam as misérias e pezaras, quando

menor o esperar!...

Uma camp. — (Para o filho, que traz pela mão.) Querido filho rogai a Deus por quem vos trouxe o pão, que já podia, sem que eu to podesse dar!... A tia Anastasia também é pobre, não podia dar-nos que comer; muito faz ella com nos-ther-nos na sua pequena cabana!... Deu seria de nós se nem ao menos tiveramos onde nos albergáramos!... (Phan-do para a cabana de Anastasia.) Ah, tia Anastasia! Deus vos recompense este tão grande beneficio!

Ambr. — (A Gabriella.) Minha filha, agora não desprezemos o que o fogo cruel nos deixou. Quanto menos ha, tanto maior deve ser o cuidado de bem tratar o que resta. Depois com este dinheiro repararemos a cabana, compraremos bois, e tudo o mais que as chammaas nos roubárao.

Scena V.

Os mesmos, e Girão que, ao começar Ambrosio esta ultima fallá, já deve ter apparecido, caminhando para o primeiro plano da scena.

Gir. — Deus vos guarde, camponezes.

Todos — (Com reverencia.) Viva, Senhor Padre Curá!

Gir. — Bem quizerá deixar de vos fazer lembrar vossas penas; mas forcoso me é fallar agora nellas, para depois vós as fazer esquecer. Apez conhecido que deveis com razão lamentar vossas perdas; e todos avaliao vossos pezaros; com tudo,

devia também confiar na Providencia divina. Quantas vezes
quer Deus experimentar se observamos aquelle seu santo pre-
ceito, que nos manda ter paciencia nas tribulações! E quan-
tas vezes, guardado elle, não somos recompensados com os di-
vinos soccorros! Sim, bonsados camponezes, podia citas-vos mui-
tos destes exemplos, dos quaes abundão os livros santos; mas
encuso referir-os, por não ser meu proposito vir fazer-vos mes-
ta logas alguma pratica, mas sim manifestar vossos dissabo-
res, e dizer-vos que acabo de fazer-vos uma subscripção por
todos os abastados desta villa, para resarcir em parte vos-
sos prejuizos; por quanto, para que mereça o nome de bom
pastor, importa cuidar de suinhas ovelhas, quando acom-
mettidas pela adversidade; promovendo-lhes com que se
propiam alimentas; e como o não posso fazer em só, peço tão-
bem aos outros para ellas.

Ambr. — Ah, Senhor Reverendo! quão digno é de lou-
vor o vosso exemplar procedes para com nosos! Ójala que
todos os parochos assim fossem! Nulle depositarias estas
nuas esperanças, os parochianos pobres miseraveis! Com
quanto a mim, muito vos agradeço a vossa para nós nun-
ca esquecida lembrança; não preciso; porque já fui
largamente remediado por um bemfeitor que me é des-
conhecido.

Todos os outros — E nós também o fomos.

Jos. — Muito folgo de saber nova tão interessante; não só porque já vos vejo socorridos e alegres, senão também porque nisto fico sabendo que ainda ha quem se lembre dos desgraçados e afflictos. Todavia, isto não obsta para que deixei de aceitar o prodicto da subscripção, a que já se deu principio.

Ambr. — Então, como assim o quereis, aceitaríamos de bom grado, e vos agradecemos tão boa vontade de fazer bem.

Todos os outros — (Com reverencia.) Muito agradecidos, Senhor Padre Curm!

Jos. — Sim, sim; isto não vos faz mal. Nunca forão de mariados os socorros feitos a um pobre. E pois que vos deixo consolados com o que vos fizerao essas almas caridosas, e com a noticia que vos en troupe, permiti agora que me retire. Adeus, fiquem-se em paz; e não vos esqueça das vossas a Deus por tantos beneficios!

(Parte.)

Todos — (Indo acompanhá-lo até a primeira entrada.) Por certo que não, senhor! Elle va na vossa guarda. Viva mil annos.

Jos. — (Voltando-se para elles.) Adeus, Adeus.

(Vae-se.)

(Todos fazem ao Curm uma reverencia, e voltão p.^a a scena.)

Ambrosio. — (Para os camponeses.) Justo é, amigos, que dêmos a Deus louvores por tantos donativos.

Todos. — Dêmos, dêmos, e de todo o coração.

(Todos ajoelham-se, e erguem as mãos, como quem dá graças a Deus, e logo se levantam.)

Ambrosio. — (A Gabriella.) Vamos, minha filha, vamos pois tomar algum alimento, e empregar o restante do dia no trabalho de nossas terras. (Para os camponeses.) Amigos, até à volta.

(Partem.)

Todos os outros. — Adeus, senhor Ambrosio.

1.º Camp. — E nós vamos ver se arranjamos por lá outras cabanas, para mais não incomodarmos a tia Anastasia.

A camp. — É verdade, diz bem; diz bem; é muito justo.

2.º Camp. — Sim, sim; depois iremos cuidar do mais.

1.º Camp. — (Caminhando para a cabana de Anastasia.) Digamos primeiro adeus à nossa benfeitora. Adeus, tia Anastasia, até logo.

Anast. (Entre o limiar.) Adeus, filhos; mas... onde ides agora? (Vai da cabana.)

1.º Camp. — Vamos cuidar no arranjo de outras ca-

banas; não lhe queremos dar mais desconmodo.

Anast. — Essa é boa, filhos! o incommodo é para vós, que estais mal acomodados.

1.º Camp. — Porém, ainda havemos de voltar, para levarmos os seus restos, que podemos salvar do incêndio.

Anast. — Quando quizerdes, podéis vir, e levar o que vos pertence.

Os três — Obrigado, tia Anastasia, obrigado.

2.º Camp. — (Para a camponesa.) Anda, mulher, vamos, e traz o nosso filho.

1.º Camp. — Eis-o aqui vae. (Ostando para o filho a quem leva pela mão.)

1.º Camp. — Até logo, tia Anastasia, até logo.
(Não se.)

Anast. — (Com satisfação.) Ainda bem, pobres infelizes! ... ainda bem que aquellas almas benfeitoras se lembrarão d'elles! ... muito precisavão quem os soccorresse! ... que triste situação era a sua! ... eu não podia fazer mais que dar-lhes casa. Nisso mesmo era vontade de bem fazer; por ser pequena a minha humilde cabana. Abençoado desejo! em agora tens uma casa sobejamente grande! não consentiria por certo que elles se ausentassem. Mas já que estes se retiram, não deixarei por agora ausentar-me Ambrosio e a sua filha. (Caminhando para a sua cabana.)

Nada, nada; elles me servem de companhia, e eu a elles.

(Vão-se.)

Acto VI.

(Entram tres camponeses pelo lado opposto áquelle por onde sahirão os outros, trazendo em alforjes diferentes coisas; taes como roupas e comida.)

1.º Camp. — Já proximo das cabanas queimadas.) Com a fortuna!... tem-nos custado a chegar ao logar do incendio!

2.º Camp. — A meu ver, pouco mais haveremos que andar.

3.º Camp. — Elle não fica ao pé do Domingos Tarrajo?

2.º Camp. — Pega com a cabana d'elle; cuja também arde; mais a do Ze' Jambôa; segundo ouvi alomeas...

1.º Camp. — Oh com a fortuna! tudo isso arde??

2.º Camp. — Tudo; e se não fôra o acudis-se-me tão depressa, ainda não ficarmos alli a tal brincadeira. (Repara nas cabanas queimadas.) Mas eis-aqui as cabanas queimadas!

1.º Camp. — (Olhando para ellas.) Oh! é verdade! e nós aqui tão perto, e sem darmos por isso!... agora, agora me cá vêm o choro e a madeira queimada.

19
3.º camp. — (Vendo também para as cabanas queima-
das.) Ora! Ora!... e nós há tanto tempo em cáta dellas...
coitados!... probe gente!...

2.º camp. — (Aproximando-se das habitações quei-
madas.) Mas... ninguém apparece! (Espreitando para den-
tro das cabanas.) O' Sr. Ambrosio? Sr. Ambrosio?... (A parte.)
Nenhuma resposta! (Continúa.) O' Sr. Domingos? Sr. Gam-
bôa?

4.º camp. — Ninguém responde! Sahirão todos?!

5.º camp. — Talvez sahirsem, e sejam por hi mettidos
na cabana de algum vizinho, por não verem esta malfada-
do successo!

2.º camp. — (Caminhando para o lado opposto, bate
na porta da cabana de Anastacia.) Oh lá de dentro?

Anast. — (De dentro.) Quem está hi?

2.º camp. — Temos tres vizinhos aqui de Cintra, que
trazemos alguma roupa e comida para esta gente do desar.
Saber nos dizer onde ^{estará} ~~se~~ elles?

Acto VII.

Os mesmos, e Anastacia.

Anast. — (Sahindo.) Sahirão todos a tratar da sua
vida; mas isto que trazeis podeis deixar-o, que tudo lhes se-
rá entregue.

(Põem todos no chão os alforques.)

2.º Camp. — Sim! então vos deixaremos tudo isto, que é
uma boa lembrança para os desventurados.

Anast. — Deus vot-a pagarão.

1.º Camp. — (Para Anastasia.) Sabeis como pegaria
o fogo, tiasinha?

Anast. — Foi por causa de um criado de Ambrosio, q.
se encendeu com deusas uma luz ao pé do patheiro.

1.º Camp. — E quem seria esse Criado?

Anast. — Era um tal Duarte Faneia, que estava com
elle havia pouco tempo.

1.º Camp. — Não conheço; mas o fogo veio então a pe-
gar primeiro na cabana de Ambrosio, um que é viúvo, e tem
uma filha?...

Anast. — Na depe mesmo. Era aquella que alli está
defronte. (Aponta para ella.)

1.º Camp. — (Olhando.) Com a fortuna!... Mas haja
o tal Faneia! leve o diabo o seu escruido! Como não esta-
rá o pobre home! Ouvi dizer que tinha muito vinho na a-
dega; todo elle se perderia!!

Anast. — Só se pôde salvar uma pipa d'elle.

3.º Camp. — Que pena! (Olhando para as cabanas
queimadas.) Que tal está a brincadeira? Ora com simi-
lhantes escruidos! Ficar a gente desgraçada por causa de um
maldito escruido!...

2.^o Campi. — (Aproximando-se mais das referidas cabanas.) E' uma, como ch'era a v'ista, qui'mado! que pena!

4.^o Campi. — Se eu governára, seguitinho que não tivei, cuidado com lenhas, e que por uma causa houvesse algum incende, havia de pagar uma grande coisa; havendo para pagá-la, e não tendo havia de is' jazer por alguns tempos, para uma prisão.

Anast. — Então, quando quizerem, podem despejar os alforjes aqui na minha cabana; e adeus, pois para ella me retiro, que tenho que fazer.

Instituto Politécnico de Lisboa
(Nac. - se.)

(Toma cada um o seu alforje, e o põe entre a porta da cabana de Anastasia.)

2.^o Campi. — Aqui ficam, tia-sinha, os alforjes; escusamos despejá-los; elles são já velhos; e não carecemos d'elles.

Anast. — (De dentro.) Adeus, rapazes, ide-vos em paz.
(Entre o limiar.) E' verdade, digei-me os vossos nomes, para que esta gente saiba quem d'elles se lembrou.

Todos — Não ha mistes.

(Nac. - se.)

Anast. — Não os querem dizer, pois Deus vos abençoe

(Retira-se.)

(Começa a scena a escurecer a pouco e pouco.)

Scena VIII.

D. Alvaro, só.

D. Alv. — (Logo que entra, olha para traz, e fallta ao criado.) Mathias, deixa ahí perto as mulas; prende-as a alguma arvore; e acompanya-me.

(Vem caminhando.)

Scena IX.

O mesmo, e Mathias, que o segue em distancia.

D. Alv. — (Olhando para o lado fronteiro.) Ainda a não vejo!... não diviso ainda Gabriella!... esquecer-se-hia do que ajustamos?! ou quereis zombar de mim?! mas, não, não devo suppor della nem uma nem outra coisa... (Voltando a olhar.) Porém, se ~~meu~~ amor me não illude, ella lá' vem! Oh cor! que prazeres!... com tudo, convém que me eu mostre um semblante mortificado.

Scena X.

O mesmo, e Gabriella, que se perturba ao ver D. Alvaro, e que traz um acafate com fruta.

D. Alv. — (Aproximando-se de Gabriella.) Estou penetrado, encantado, Gabriella, do favor que me concedeis. Hei ao menos a consolacão de vos ver sensivel á minha pena, e posso crer que estais penalizada de me haverdes feito devedor.

Gabr. — Estou afflicta, e dera todo o bem que nos tendes 21
feito por vos nunca ter visto.

D. Alv. — E eu, Gabriella, dera tudo quanto posso por
vos gozar toda minha vida.

Gabr. — Ah! parece-me que isso só de vós dependia!
Meu pai nada teria a recusar-vos; elle vos ama, e vos res-
peita.

D. Alv. — Os pais são cruéis; querem que haja ca-
samento, e eu não posso desposar-vos: mais não pensamos
nisto; nossa separação vai realisar-se; um eterno adeus
perde as nossas derradeiras palavras; ambos soffreremos a cruel
saudade; nós, que se quizesseis, já mais deixaríamos de vi-
ver sem o outro; de nos amarmos, de gozar-
mos juntos os dons que me deu a fortuna, e de todos os que
amor vos concede. Ah! vós não avaliais estes prazeres
que vos esperavão! se tivésseis deller alguma idea!... se
soubésseis o que renunciáis!...

Gabr. — Mas, sou o conheces, eu o sinto.

D. Alv. — Sabes, que de quando vos vi, tudo, não sen-
do vós, para mim é nada. Primeiramente, meu espirito
se occupava com as bellas coisas, que me havieis promet-
tido; depois, tudo isso se evaaceu. Somente vós occupais
meu pensamento.

Gabr. — Ah! se meu pai quizesse!...

D. Alv. — Que! haveis mistes que elle o queira?! Para me amar, esperais a sua approvação?! não depende de vós mesmos vossa felicidade?! Gabriella, o amor, a boa fé, eis-aqui vossos titulos e meus fiadores. Não são elle, os mais santos e invioláveis? Ah! acreditai-me, quando o coração se entrega, é tudo dito; e não tem mais a mão do que seguir-o. Dai-me pois essa, para que mil vezes a beije; para que a regue com minhas lagrimas.

Gabr. — (Chorando.) Eis-a aqui...

D. Alv. — (Exclamando.) É minha esta mão tão querida; ella me foi dada pelo amor!... para mi'a tirarem, seria necessario tirarem-me a vida!... Sim, Gabriella, morrerai a vossos pés, se preciso fôr separar-me de vós!

Gabr. — (A parte.) Eu o acredito. (A D. Alvaro.) Ah! serai eu a causa dessa infelicidade?!

D. Alv. — Sim, cruel, sois vós mesma. Quereis a minha morte!... Sim, vós a quereis!...

Gabr. — Ah, meu Deus! não. Eu não por vós a minha vida...

D. Alv. — Dai-me a prova disso; segui-me, se me ameis.

Gabr. — Não, eu não devo, não posso seguir-vos, sem o consentimento de meu pae.

D. Alv. — Então, deixai-me, deixai-me pois entregas á minha desesperação. (Mostra-se colérico.)

Gabr. — (Lacrimosa, pallida e tremula.) Dignai-vos ter de mim piedade, e attendes-me sem colera!... Esperava eu fazer-vos aceitar este testemunho do meu reconhecimento... mas, não me animo a vol-o offerrecer!...

(Offerrecer-lhe o acafate com fruta, mas com recusa.)

D. Alv. — (Aceitando.) O que é? (Chorando.) Frutas a mim!... ah, cruel! vos me insultais! É veneno o que eu peço.

(Enisto, lança arrebatadamente ao chão o acafate, e retira-se furioso. — Gabriella, sentida por esta acção, dá a penas alguns passos, e vai cahis desfalecida junto de uma arvore. — D. Alvaro, que a sente cahir, corre em seu soccorro.)

D. Alv. — (Reparando.) Ah! banhada em lagrimas!... suffocada em soluços!... quase inanimada!... vamos ver se a restituimos á vida! (A parte.) Mas... elle vai tornando a si!... aproveitemo-nos da fragueza em que está, e antes que de todo se reestabeleça do desmaio, a levemos para longe da villa. (Ao criado.) Matthias, depressa, depressa, pega nesta camponeza, e leva-a para fora d'estes bosques, para lhe ministrarmos os soccorros necessarios.

Matth. — (A' parte, pegando ao collo em Gabriella.) —
Muito caritativo é meu anno! se este não ganhar o reino
do ceo, não sei quem o ganhará! (Levando-a.) Páfa! como
pensa a tal criança!

(Retira-se a' pressa, e logo apparece elle D. Alvaro, que
olha para traz e para os lados, como quem re-
ceia ser visto.)

Scena XI.

(Antonio, só, voltando de seus trabalhos pelo lado op-
posto aquelle por onde sahirão os precedentes.)

Ambr. — (A si mesmo.) Forte lida! succedem-se os
dias, succedem-se os trabalhos! apressa-se a passar os tempos!
apressa envelhecem os homens! E depois da velhice, que lhes
resta? A morte!... sim, a morte, que ás vezes é alli-
vio!... Mas despendo estas coisas, e namor despendas para
casa da minha benfeitora. Vejamos se Gabriella já deu
ordem a' ceia (Batendo na porta de Anantania.) Pode-se
entrar, tia Anantania?

Anant. — Sim, filho, sim; porque não? mas dei-
xai que primeiro desembargare esta porta dos alforjes que
trouxeram para vós outros outras almas benfeitoras, que
ha pouco daqui sahirão.

Ambr. — (A si mesmo.) Ah, meu Deus! quanto
sois providente! Nossa infinita bondade já mais despará

acabar o bem fazer! De quanta generosidade encheis os co-
rações dos bons e honrados portuguezes! (Para Anantaria.)
Mas porque não chamais Gabriella para que vos venha
ajudar?

Anant. — (Entra o limiar.) Nossa filha não está cá!

Amb. — Que! Gabriella não está hi?! ainda não
vem?!

Anant. — Por certo que não.

Amb. — É possível? havendo ella sahido uma ho-
ra antes de mim! Aqui ha mysterio! ha grande novidade!
de!...

Anant. — Talvez algum encontro de pessoa conhe-
cida a demoras no caminho, e com ella esteja conversan-
do.

Amb. — Não pode ser; era muito conversas!... vou
procural-a!... vou ver se a encontro por alguma destas
entradas!... (Começa a procural-a, e a chamal-a com
impaciencia pelas entradas e cabanas.) Gabriella?... Ga-
briella?... minha filha?... onde estás?... que é feito
de ti?... perder-te-lhas no caminho?... mas não, não
pode ser; tu mini bem o conheces. (Olhando para as emboca-
duras das entradas.) Estarás conversando com alguém?...
mas quem te havia de deter?... e a esta hora!... Ah,
meu Deus! é ^{quasi} noite, e ella sem apparecer!...

Scena XVII.

(O mesmo, e os demais camponeses, que voltam à cabana de Anastasia, e se encontram com Ambrosio.)

Ambrosio. — (Aos camponeses.) Amigos, acaso encontraríeis por ali minha filha?

Camp. — (Caminhando.) Não; ninguém encontramos! Mas para que vos amofinais? que lhe havia de acontecer?

(Continuam, caminhando até à cabana de Anastasia, com quem conversam por acionados, durante a perseguição de Ambrosio; retirando-se depois para dentro da cabana elles e Anastasia.)

Ambrosio. — (A si mesmo.) Ah, meu Deus! será possível que queirais juntas as minhas magoas ainda mais esta! Tirai-me antes a vida, do que a Gabriella lhe succeda algum desastre!... alguma desventura!

Scena XVIII.

O mesmo, e Girão.

Girão. — (Encontrando-se com Ambrosio.) Ah, senhor Ambrosio! muito estimo de o aqui encontrar! porque me poupon os papos de o procurar na sua habitação. Mas que tem, senhor, que parece affligil-o?

Ambrosio. — Ah, senhor Padre cura! deixai-me agora; que me quereis?

Gir. — Mostrar-vos esta carta, que ha pouco acabo de receber de um criado, não sei de quem. Vide.

(Da-lhe a carta já aberta para ler.)

Ambr. — Uma carta! (Olhando para a letra.) Não conheço esta letra! (Lê.) « Direis ao pae de Gabriella que fique descansando, que ella está bem; e que a senhora que a levou... (Trême.) comigo... terá o cuidado della, como se sua filha fora. Em curto espaço saberá elle o que lhe ha acontecido. » (A parte.) Nenhum credito dou a este bilhete!... mas importa dissimular. (Ao cura.) Minha filha é virada; mas moça simples e credula. Alguma mulher desajaria tê-la a seu serviço, e a haverá persuadido de prevenir minhas recusas. De uma imprudencia da mocidade não fazamos tanta escandalosa, e deixemos que acreditem que minha filha me deixou, consentindo-o eu. O segredo só voi o saber; poupai a filha e o pae.

Gir. — Pois não! ficai descansado. Um homem de bem e probidade vos promette e saberá guardar não só esse segredo, mas todos os que julgardes em proveito da boa reputação. Adeus, honra do compozer.

(Vae-se.)

Ambr. — (Ao retirar-se o cura.) Adeus, Senhor Padre Girão; affaz-me agradeço o seu cuidado.

(Caminha pensativo para o plano anterior da scena, e ao chegarahi, exclama.)

Ambr. — Ah! esta nova, longe de suavizar minha dor, augmenta a magoa que me devora! Que será feito della?...

E' uma mulher a quem ella seguiu!... e ha-via alguma tao in-
sensata, que roube a seu pai uma filha, para ficar culpa-
da de um rapto?! Não, não; e' algum malvado que a terá seduzido e feito desgraçada!... Ah! se o eu pudeste descobrir!... ou
o seu sangue ou o meu lavaria tao cruel injuria!... E com tudo, que me veja eu na necessidade de occultar a minha dor, em-
bora ninguem me esclareça como isto foi! E eu insensata, eu me
regozijava, louvava-me, vendo-a crescer e embellezar-se! O que
fazia meu orgulho causa agora minha vergonha! Ah! porque
não morren ella a' nascença?... e eu porque não fui devora-
do pelas chamma, que consumirão minha cabana? não sen-
tiria agora tao grande dor! tamanha falta!... e por simi-
lhante modo feita!... (Erguendo os braços.) Ah, Senhor! aca-
bai comigo, para que terminem de uma vez tantos infortúnios!
dai-me uma morte prompta!... Sim, meu Deus eu vol-o ro-
go!... (Começa a fazer-se pallido e trêmulo.) Mas... que sinto?...
um suor frio!... quem me acode?... Gabriella?... minha...
fi... Mãe. (Cabe, e ao mesmo passo Anastasia acode ao ti-
miao, olha para Ambrosio, e logo volta apressada a chamas
pelos camponeses, q. logo acodem e levão p.º dentro da cabana.)
Todos — Prode home! que seria isto? Ora! ora! le-
vemo-lo p.º dentro da cabana, para ver se torna a si.

(Levao-no. — Deixa o paizão.)

Fim do 2.º Acto.

Acto terceiro.

(Salta ricamente preparada, também segundo o gosto do século 15.º, com portas lateraes e no fundo. — Casa de D. Alvaro, em Lisboa. — São 5 horas da manhã.)

Cena primeira.

D. Alvaro, em trajo de caçador, olhando para um relógio, que tira do bolso.

D. Alv. — São exactamente cinco horas. Não devem tardar meus companheiros das caçadas; pois sou sempre exacto nesta especie de papatempo. É o divertimento meu favorito; — que agradavel não é levantar cedo e ir por esses campos n'uma fresca manhã da viciosa primavera, gozando de um ar odorifero, e do harmonioso gorgear das aves. Ver depois o galgo perseguir veloz a lebre; o perdigueiro trazer ao dono a perdiz; armá-la com espinhos a rede! Oh, quanto isto é bonito!

Cena II.

O mesmo, e Mathias

Math. — O senhor D. Antonio e outros amigos vossos perguntão se já estais levantado, senhor.

D. Alv. — Que subão; que já estou erguido e prompto.
(Salta Mathias, e logo entram D. Antonio e mais dois cavalheiros, que são: Rodrigo Pereira, e Augusto de Albuquerque; todos em trajos de caçadores.)

Scena III.

O mesmo, e os ditos.

D. Ant. — Eis-nos promptos para a caçada, amigos.

D. Alvaro. Creio que fomos exactos.

D. Alv. — Exactissimos, conforme o costume.

Rodr. — Temos uma bella manha.

D. Ant. — Está optima para o effecto. (A D. Alvaro.)
Temos muito que conversar, D. Alvaro.

D. Alv. — Sim! Appaz folgarci de vos ouvir.

D. Ant. — Em primeiro logar, não sei se sabeis que
El Rei tem por toda parte espias para saber o que os povos
pensam de seu governo, para se abster de tudo o que elles sen-
surão, e fazer o que geralmente approvão.

D. Alv. — Boa lembrança! acho essa maxima sobre-
maneira prudente, e realmente devia ser adoptada por todos
os Principes e seus secretarios. O contentamento ou descontenta-
mento dos povos é a mais segura regra para quem governa.

Rodr. — É mui certo o que dizem ácerca de umas casas
de jogo, que El Rei mandou queimar, por haverem nellas jogos
prohibidos?

D. Alv. — Pois não; é certissimo, e, no meu sentir, mui-
to louvavel; porque estes logares publicos são fonte inexhaus-
tivel de toda a especie de crimes.

Aug. de M. — Ninguém devida que o nosso bom monarcha
tem praticado acções de virtude, dignas por certo de um bom

Rei; mas também muita gente concorda que elle tenha feito muitas coisas más; quizes a de se fazer muito popular; e mostrasse mais affeição para com o povo, do que para com os nobres: prodeus este que pode trazer consigo desavencas, e bem funestos resultados.

Rodr. — Isso é porque quizes talvez contentar a maior parte; e evitar que os grandes opprimão os pequenos.

D. Ant. — É um caderninho com que elle agora anda, em que traz escriptos os nomes daquelles que se hão distinguido por suas virtudes, talentos ou bons serviços, para os premiar, ou empregar em logares adequados a fim a posição social de cada um, como aos seus talentos.

D. Alv. — Para mim tenho ser esta uma boa idea; porque quando isso se divulgar, tratarão todos de serem virtuosos, ou de fazerem alguns bons serviços. Mas, agora não havemos olvidado de nosso principal objecto, que é a caça. Vamos a ella, não se faça mais tarde.

D. Ant. — Isto é conversar; mas em fim conversaremos pelo caminho. Vamos, vamos ás lebres e perdizes.

Todos — Vamos lá!

(Não se.)

Scena IV.

Gabriella, só, vestida ao uso da Corte.

Gabr. — Estes senhores andão sempre em continuos divertimentos; é verdade que de alguns d'elles também eu participo,

e bem me servem para esquecer aventuras passadas! Talvez seja por esse motivo que D. Alvaro está sempre procurando meios de me distrahir. Com tudo, no meio de tantos prazeres e encantos, no centro da abundancia e da riqueza, ovelhos me atormentam! Quantas occasiões me não lembra voltas á casa paterna; mas devo eu ser ingrata a um mancoço que tanto me ama, e me enche de ricos presentes?! Havia eu expor-me á colera de um pae honrado?!...

Scena V.

A mesma, e Margarida.

Marg. — Minha senhora, quando quizer que acabe de preparal-a, pode dizer; pois já me desembaracei daquelle pequeno trabalho que me deu a fazer.

Gabr. — Sim, vamos lá; sempre irás das o meu pequeno papinho do costume. Hoje o jantar pode ser mais tarde, porque o senhor D. Alvaro não janta em casa. (A parte.) Vamos pôr mais alguns enfeites que me faltão para o batis. (Para Margarida.) Vamos; mas... será bom avisar a Mathias para que esteja prompto. (Dirige-se a uma banca e toca uma campainha.)

Scena VI.

A mesma, e Mathias.

Gabr. — (Ao criado.) Mathias, esteja prompto, e

não sabia, que dages a pouco ha de acompanhar-me a um passeio.

Math. — (Com acatamento.) Sim, minha Senhora, quando quizer... é dever meu estar sempre prompto para a servir.

Jabr. — Espere ahi, que eu já volto.

(Vão-se, excepto Mathias.)

Math. — (Acompanhando Gabriella com a vista.) Isto é que é vidinha! comes bons bocados, passeias acompanhada; divertis-se; tafalar á grande; tes tudo quanto queres a honrar e a tempo; ser amada, como o pode ser a mais mimosa noiva; respeitada de todos!... é mesmo como Camponessa fidalga! é a rainha desta casa! o Senhor D. Álvaro é mesmo um baboso por ella; até quando sabe sempre recomendar que se cumpra de prompto quanto elle manda. E tudo isto só pelo pequeno trabalho de vir de Colares até ás Portas de Santo António; já se sabe nas pernas de outrem. Meu amo é mesmo um as náticas, que coração! que alma tão caritativa para o sexo feminino! É verdade que a tal menina é bem merecedora de ter encontrado quem tanto lhe queira; porque tem tanto de bonita, como de bom coração: dá suas irmolas; lembra-se das criadas com suas dadivaritas; ás vezes mimosa com suas esportulas o Mathias; crês que por se lembrar que a trouxe ao collo, sendo já crecidinha. Se bem que ella não quera; mas o bom de meu amo tan-

to fez, tanto disse, tanto prometter... até que ella coitada não
poude resistir, e deixou-se ir... (Olhando para o lado donde
vem Gabriella.) Ella que chega; chitou.

Scena VII.

O mesmo, e Gabriella ricamente vestida
de sedas e diamantes.

Gabr. — (Olhando-se a um espelho em quanto falla.) Eis-me
prompta finalmente. Merito se demora a gente a preparar na
Peste! O tempo que já havia levado a vestir-me, e ainda foi preciso
mais! (Para Matthias.) Vamos lá, Matthias, vamos das um passeio.

Instituto Politécnico (Vão-se.)

Scena VIII.

Joanna, so', trazendo na mão um espanador.

Joan. — (Indo até à porta espreitar se Gabriella já descera a
escada, e voltando depois.) A entada desta senhora nesta casa é
um misterio; uns dizem que o Senhor D. Alvaro casou em Lisboa
occultamente; outros affirmam que não, que não é casado com ella;
querem alguns que seja parenta; de sorte que se não sabe a verdade.
(A si mesma.) Mas que te importa a ti, Joanna, com as vidas alhe-
ias? cuida nas tuas obrigações; pensa na tua vida, e deixa o mais.
Forte balda é esta minha! mas, ha tanta gente com este costume!
supponho ser defeito com que quasi todos nascem. Ora pois, vamos
sacudindo este pó (sacode.); trabalhe esta que custa pouco, e pode
levar muito tempo. E dizem algumas tolas de algumas criadas
que é má a vida de servir! Ella é bem má! tem a gente casas

pagar, roupa lavada, comida certa, ordenado no fim do mez; e quando Deus quer lá vem mais alguma coisa por dias de festa! Pois em casa de fidalgos! isto é um maná! Faz-se de fidalgo; recebe-se muita coisa boa; muito vestido, ainda em bom uso, &c., &c. E com isto me retiro, que está o pé limpo, e tenho que engomas para a senhora do misterio.

(Vae-se.)

Scena IX.

Mathias, e Gabriella, pallida, tremula e saltucente.

Gabr. — (Para Mathias.) Ah, Mathias! peço-lhe que do que vier nada diga; e que vá entretes lá para dentro as criadas para que ellas não presenciem a visita que estou para ter!...

Math. — Sim, minha senhora, esteja descansada que nada direi. Já vou lá para dentro contar ás criadas quatro historietas em que as hei-de ter entretidas... até a meia noite, se preciso fór.

(Vae-se.)

Gabr. — (Extremamente perturbada, exclama.) Ah, meu Deus! que encontro tão inesperado!... quem havia de presumir semelhante coisa! encontras meu pae em Lisboa! quase ao pé de casa!... Elle me não conhecia! mas, logo que o eu vi, minha perturbação foi tal, que sem o queres me dei a conhecer!... a surpresa e a confusão me fizeram recuar e cobrir o semblante! Ao mesmo passo, um grito se me escapou! Ah! foi então, foi então que acabou de me reconhecer!... Elle depois me perguntou com reu-

cidade onde eu morava! Então eu... envergonhada e trêmula
lhe declarei minha habitação!... Elle me perguntou tambem com
que nome era conhecida, eu lhe disse que com o de Leonor!... Depois
me mandou vir para casa, e me annunciou que hia faltar ao
seu comprador dos vinhos, e que não tardaria em procurar-me!
tratando-me de infeliz!... Ah! e bem infeliz que sou!... (Volu-
cando por algum tempo, e depois continuando.) No momento em
que eu mais precisava do conselho e apoio de D. Alvaro, é nes-
se mesmo momento que elle se acha nos campos!... Ah! agora co-
nheço o meu erro, e delle me apaz arrependo!... Agora vejo qual
sou aos olhos do mundo e aos de meu pai!... (Medita um pouco.)
Ah, não, não me exponho ao exame e juizo de meu pai! eu fugio
delle! desapareço!... Mas, para onde fugirei? aonde poderei oc-
cultar-me? Meu pai a mesma honestidade me acha perdi-
da, e abandonada ao vicio, com um homem que não é meu ma-
rido!... Ah, meu pai! juiz terrivel! como hei de mostrar-me
aos vossos olhos? Mas se fijo, entrego-o á desesperação, e attrahio
a mim a maldição!... Não, bem que indigna do nome
de sua filha, respeito sobremodo este nome sagrado. Ainda que
venha tirar-me a vida, devo primeiro ouvi-lo, e depois calar a
minha voz. Mas, não, um pai é sempre pai! o meu consommer-
to das minhas lagrimas. A minha idade, a minha fra-
queza, o amor de D. Alvaro, tudo me desculpa...

A mesma, e Romão entre o limiar da porta do fundo.

Rom. — (Com acatamento.) Está lá em baixo um coqueiro, que mostra impaciencia por entrar, e diz que pretende fallar à Senhora D. Leonor.

Gabr. — Diga-lhe que pode subir!...

(Retira-se Romão, e Gabriella continua expressivamente perturbada.)

Gabr. — Ah! é elle!... é meu pae!...

(Um momento de silencio.)

Scena XI.

A mesma, e Ambrosio.

Amb. — (No limiar.) Estás so'?

Gabr. — (Com perturbação.) Sim, meu pae!...

Amb. — (Entrando com emoção, e olhando com triste silencio.)

Que fazes aqui?

Gabr. — (Lançando-se aos pés de Ambrosio, e soluçando.) Ah, meu pae!...

Amb. — (Olhando por toda a camera.) Viço nesta sala, onde tudo annuncia riqueza e luxo, sim, viço que nella está o vicio e a seducção! Pósto eu sabes quem houve o cuidado de te enriquecer em tão curto espaço, e de quem te vem estes móveis, esses vestidos e diamantes? (Lagoimas e soluços são a resposta de Gabriella.) Faltas, depois chorarás; terás para isso todo o vagar.

Gabr. — (Levantando-se.) Ah, meu pae! desejára contar-vos toda a historia da minha aventura; mas ella é bastante longa; reservo-me para vol-a contar em casa. Não vos direi por agora que fui seduzida e roubada por aquelle man-

cebo que vos beneficiou com a bolsa de dinheiro; cujo nome é D. Alvaro, um dos mais nobres fidalgos da Corte.

Ambi. — (Passando do expanto á indignação.) D. Alvaro, esse homem honrado!... E eis-aqui pois as virtudes de alguns grandes!... Este vil, dando-me o seu ouro, julgava pagar-me minha filha? Imaginão os ricos soberbos, que a honra dos pobres é uma coisa ignobil, e que a miséria a põe em perigo. Lisonjeava-se de me consolar! Homem deshumano! quão pouco conhece elle a alma de um pae! Não, depois que te perdi, não tenho tido sem dor um só momento, nem meu somno ha podido ser tranquilo. De dia era regada com minhas lagrimas a terra que eu cultivava; de noite, ao passo que te esquecias, que te perdias nos prazeres, teu pae, estendido sobre a palha, arrancava os cabellos, e em altos gritos te chamava. Ah! nunca á tua alma chegarão meus gemidos? nunca se offerecem ao teu pensamento, nem teu repouso perturbou a lembrança de um pae, entregue á mais pungente dor, qual a perda de uma filha?!

Gabr. — Ah! o ceo é testemunha de que se eu houvesse imaginado que vos causaria tantas angustias, eu tudo teria deixado, para ir apressada lançar-me em vossos braços. Eu vos respeito, e agora mais que nunca vos amo. Ah! que pae tenho eu affligido! Quando eu esperava achar em vós um juiz inexoravel, não ouço de vossa boca senão reprehensões cheias de doçura. (Apvetha.) Ah, meu pae! as lagrimas do arrependimento se juntam as do amor.

Ambi. — (Levanta Gabriella e exclama.) Ah! eu torno

a ver, torno a encontrar minha filha!

Gabr. — Vossa filha, ah! já' ssão é' digna de vós.

Amb. — Não, não te desanimas. A honra é' por certo grande bem; a innocencia o é' ainda mais. Mas quando a perde a honra e a innocencia, resta ainda um bem inestimavel; é' a virtude, que nunca morre, que já' mais se perde, sem que haja esperanca de que volte. Eis-aqui, minha filha, com o que te poder consolares pela perda da innocencia; e se é' sincero o teu arrependimento, o ceo e eu somos applacados. Quanto ao mais, ninguém na Villa sabe de tua aventura; poder sempre tornas apparecer.

Gabr. — Onde, meu pae?

Amb. — Em Collares, para onde te vem conduzir. Appressa-te pois com deixar esses ornamentos do vicio; e torna a usas dos humildes vestuarias de teu estado. Deixa esses doms envenenados ao infeliz que te seduziu, e segue-o, sem perda de tempo. (Olhando para Gabriella, a quem a perturbacao deixa immovel e mudo.) Vamos, os momentos vos saõ caros.

Gabr. — (Cahindo aos pés de Ambrosio.) Perdoadi, perdoadi, meu pae, se tarde no obedecer-vos!... Sim, entao resolvida a separar-me de D. Alvaro, a segui-vos... mas fugis, deixando-me ausente, e dar-me lugar a crer que o dei traicionado.

Amb. — Que dizes, infeliz? E que te importa a ti a opressão de um vil subornado? preferas seus indignos beneficios á innocencia que elle te roubou? desajas antes o mais cruel de

teus inimigos, do que a teu pai? Não ousas fugis-lhe em sua ausen-
cia, e deixas-o sem o seu consentimento! Ah! quando te elle fez dei-
sar teu pai, opprimido de desesperação, não foste tão tímida! E que
esperas de teu seductor? Que elle te defenda? que te arranque a
authoridade paternal? Ah! que ventos, que se atreva a fazer-me
sahir daqui sem ti! Eu estou só, desarmado, enfraquecido pela
idade; mas ver-me-hão estendido sobre o limiar da tua porta, pe-
dis vingança a Deus e aos homens. O teu mesmo amante, para che-
gar a ti, será obrigado a caminhar sobre meu corpo, e os que passa-
rem dirão com horror: Eis-aqui seu pai, a quem elle segou, e
a quem seu amante pisa aos pés!"

Gabr. — (Attonetada.) Ah, meu pai! quão poucos conheceis
aquelle que tão cruelemente ultrajais! Ninguém é mais affável, nem
mais sensível. Vós deis respeito.

Ambr. — Ousais tu ainda fallar-me do respeito d'aquelle
que me tens deshonrado?! Esperas que elle me seduza com sua
perfida affabilidade? Não, não quero vê-lo: se tu por elle res-
ponderes, não respondes em por mim mesmo.

Gabr. — Pois não, não o vejais; mas permittis que o eu veja
ainda um só momento!...

Ambr. — Que exiges? Eu deixo-te só com elle! Ah! antes
me elle arranque a vida, do que haver eu esta condescendencia!
Uma vez que elle te ponde roibar-me, foi isto um crime sem
e teu, de que eu não era responsavel. Mas offendendo-me o co.
acaso de te ver, fazendo-me de ti entrega, eu lhe sou devedor por ti

31
agora. Vamos pois, é chegado o momento de nos retirarmos. Decide-te; renuncia a teu pai, ou obdece.

Gabr. — Voi me transporeis o coração.

Anbr. — Obdece, ou tens a minha maldição!

(Cabella — a Gabriella, e vai despiu-se á pressa para um quarto imme-
diato, apparecendo depois com o seu antigo vestuario.)

Anbr. — (A si mesmo, com alegria e pausa.) Ah! que por ulti-
mo vim encontrar minha filha! O Céo é justo! elle ouvia a cada
momento as supplicas de um pai infeliz e deshonrado! sabia qual
era a minha triste situação! sentia gemer um desgraçado, con-
sumido pela dor e pela saudade! não ignorava a falta que ella
me fazia, quer como filha, quer como dona de casa, depois da
falta daquella que me deixou tão precioso thesouro! Por conse-
quente, á vista de tudo isto, era de esperar que o Todo Poderoso me
proporcionasse um favoravel meio para encontrar aquell. mesmo
thesouro, por quem eu havia tanto tempo anhelava!

Gabr. — (Ao sahir do quarto.) Meu pai, poderei eu, em troca
da minha obediencia, pedir-vos um unico favor?

Anbr. — Pede; ouvirai; se me convier...

Gabr. — Como não quereis a morte daquella que vos sacri-
fico, deixai-me escrever-lhe duas palavras; communicar-lhe
que é a vós a quem obdece, e que me obrigais a segui-vos.

Anbr. — E isto para que elle venha ainda outra vez
a arrancar-te de meu poder? não, eu não quero deixar de ti
algum vestigio. Que nuorra de vergonha, fará' justiça a si

mesmo; mas não morrerá de amor. 'perde esse receio; os libertinos
não morrem de amor. (Com energia, e tomando-a pela mão.) Mas,
sem mais demora, vamos; vamos.

Gabr. — Pois vamos, meu pai; mas para que não sejamos
vistas pelo guarda-portão, será melhor sahir por uma outra por-
ta do palacio. Vinde por aqui. (Caminha a diante de Ambrosio.)

Amb. — Isso lá como queiras; o que pretendo é levar-te da-
qui para fóra, sahiamos por onde quizerdes.

(Vão-se por outra porta.)

Scene XII.

D. Alvaro, só, regressando da caça.

D. Alv. — (A si mesmo.) Axiago dia tem sido o de ho-
je! Differentes desastres se hão succedido uns aos outros. Jan-
to ás portas da cidade, Augusto de Meneses, soffrendo um
grande encontro de certo quidam, que vinha do campo, cha-
ma-me bruto, e este me responde com o epitome de mal-creado:
Augusto de Meneses desembainha o florete, o outro faz o mes-
mo, e eis-que se começava uma briga, talvez fúrcuta, se não
forammos nós evital-a. Depois deste primeiro desfavor, Rodrigo
Pereira, ao desfechar a sua espingarda, soffreu, não sei como,
uma explosão, que me tortou o lado direito da face; sendo es-
te um sufficiente motivo para regressarmos mais cedo. Ago-
ra, ao entrar lá em baixo, tropeço no primeiro degrão, caio, ficam-
do bem molestado deste lado.

(Leva a mão ao lado q. lhe dói.)

O mesmo, e Margarida, que vem chamar Gabriella.

Marg. — (Entre o limiar, sem reparar em D. Álvaro.) Sr. D. Leonor?...
nos?...

D. Alv. — O que é?

Marg. — (Reparando, admira-se.) Ah! é o Senhor D. Álvaro! Vinda chamar a Senhora D. Leonor para juntas.

D. Alv. — Não a vejo aqui; deve estar lá para alguma das outras salas.

Marg. — Para lá não está; porque já venho de a procurar por todas as casas, e só me resta o seu quarto.

D. Alv. — Então deve estar no seu quarto; mas acaso estará incommodada! Vámos. (Chegando-se à porta do quarto.)

D. Leonor?... D. Leonor?... tendes alguma coisa?... (Bate na porta, e esta se abre.) D. Leonor? (Chamando para dentro.) Ah!

não está aqui!... (Entre o limiar repara nos vestidos e diamantes, que Gabriella deixou à entrada do quarto.) Que é isto?! (Tira para fora os atavios deixados por Gabriella.) O meu

meu vestido, confetes e diamantes por aqui ao abandono, e D. Leonor sem estar em casa! teremos mistério?! não terminará ainda os infortúnios do dia?! (Para Margarida.) A Senhora D. Leonor sahio hoje com o Mathias?

Marg. — Sim, meu Senhor, sahio; por signal que levou esse vestido, e os mais confetes; mas pouco se demorou; porque dahi a pouco que sahio, vi lá para dentro o Mathias.

D. Alv. — Então te chamou para que a vieses ajudar

a despois?

Marg. — Não, senhor; nem eu vim perguntar-lhe isso, porque julguei que esperaria alguma visita.

D. Alv. — Visita, sem eu estar em casa!... porém, nada, não é possível deixar de estar em casa; eu mesmo quero ir procurá-la. (Partindo.) Luta-me a crel-o!

(Parte.)

Marg. — (Olhando para o lado por onde sahira D. Alvaro.) Sim, ha-de achá-la bem! (Com pausa.) Se se estivesse ao canto de alguma jozeirlla, ou no vão de algum armario! Mas o caso está galante! Como sahiria esta senhora?... é provavel que o guarda-portas saiba como isto foi! E nós sem sabermos de nada, entretidos lá para dentro com as historietas do Alvarinho! Porém, que misterio será este? para onde iria ella?... Desapparecer assim de repente, sendo tão bem tratada! tão querida! Eton vindo se o senhor D. Alvaro se conspira contra nós, tapando-nos de descuidados! mas quem lhe havia de embaraçar a sua fuga, quando mesmo a vissemos sahir? Com tudo, quando se é louco de amor, como elle está, a nada se attende. Em verdade, temos bastante a passagem desta scena! (Olhando para os atavios que deixou Gabriella.) E de mais a mais, deixar todos estes adornos! sahiria ella disfarçada? Da-me que entendas a tal tramoia.

Scena XIV.

A mesma, e D. Alvaro.

D. Alv. — (Perturbado.) Não ha mais que ver, não está em casa!... Mas... é possível que de quatro criados, nenhum desse por esta retirada!... é cruel!...

Marg. — Não admira que eu, o Mathias e Joannina não dessemos por isso, e fôssemos lá para dentro: b' se o Romão a viu sahir.

D. Alv. — Chama-se pois o Romão.

(Margarida passa a chamar o guarda-portas, e entretanto D. Álvaro passa com impaciencia.)

Marg. — (Entre o limiar, e em voz alta.) Sr. Romão, Sr. Romão? Ohe que o chama o senhor D. Álvaro, venha depressa.

Acto XV.

Os mesmos, e Romão.

Rom. — (A D. Álvaro.) Chamais, senhor?

D. Alv. — Chamo, sim. Dize-me, viste sahir a br.ª D. Leonor?

Rom. — Sim, meu Senhor; eu a vi sahir hoje com o Mathias, serião 9 para 10 horas, e recolheu-se láhi a pouco; depois entrou um sogito, que vinha apressado e impaciente por fallar á br.ª D. Leonor, ao qual ella mandou subir; mas ainda não vi sahir o tal sogito.

D. Alv. — (A' parte.) Está claro... não a viu sahir; ella não está em casa, logo, retirou-se pela outra

porta para não ser vista!... (Para a doiz.) Muito bem; podem-se retirar.

(Retiram-se Margarida e Romão.)

D. Alv. — (Continuando com admiração.) Não posso com um homem e abandonar assim esta habitação!... E quem seria o tal segredo? — (Pensativo.) Occorrem-me mil pensamentos!... e sem talvez acertar com algum d'elle! Na ausencia de suas criadas, despi-se sem companhia, deixar assim esta casa em inquietação!... Tudo isto me annuncia uma fuga premeditada. Mas... é verdade! vou chamar Mathias, para ver se descubro mais alguma coisa.

(Toca a campainha.)

D. Alv. — (A Margarida, que apparece.) Dize a Mathias que venha cá. (Retira-se Margarida e D. Álvaro continúa.) Faltava mais esta para complemento dos bellos acontecimentos de hoje!

scena XVI.

Math. — Aqui estou, Senhor meu.

D. Alv. — (Voltando-se para Mathias.) Também não deste, Mathias, pela retirada da Sr.^a D. Leonor?

Math. — Não, meu Senhor; ella me mandou a promptas para acompanhá-la; deu um pequeno papel; voltou para casa, e disse-me que podia ir cuidar nas minhas

34
obrigações, que por hoje não mais carecia de mim. Podesi, e não
dei por coisa alguma.

D. Alv. — E na ida ou na volta do papéis não encon-
trou pessoa que com ella conversasse?

Math. — Não, meu Senhor... (A' parte.) Pediu-me
segredo, devo guardal-o.

D. Alv. — Em fim... estou sciante... poder retirar-te.

Math. — (A' parte.) E dizem que os grandes não tem
tambem seus desgostos! que tal é este? em?

(Vae-se.)

D. Alv. — (A si mesmo.) Com tudo, que não possa eu
ao menos acreditar-o! Arrepende-se-hia ella de viver comi-
go, e fugiria para o pae?! Mas, não me escrever ao menos du-
as palavras de despedida!... Nada, isto foi amante novo, q...
Oh ceos! Gabriella, que era mesmo uma candura, innocencia
e verdade! Gabriella infiel e perfida!... (Ha um momento
de silencio, em que fica pensativo.) Não, não, isto não é possi-
vel!... (Papa das hypotheses a' certeza.) Nada, não devo he-
sitar; sou trahido. É um engano que se me ha occultado. As ca-
ricias da perfidia só servião para melhor o encobrir. Sim, es-
tou inteiramente convencido que tenho rival... mas, eu o conhe-
cerei; e no fogo que arde em meu peito me não houver con-
sumido antes de alguns momentos, não morrerrei sem vingança.
É por certo algum desses falsos amigos, que recebo em minha

casa! Provavelmente D. Gonçalo!... Sim, foi elle o que ficou
apaixonado, quando a viámos em Colares... Posso enganar-me,
mas em fim é sobre elle que recahem minhas suspeitas. Vou
sem demora esclarecer-me. (Dirige-se a uma banca, e escreve,
dictando em voz alta.) "Amigo D. Gonçalo, (à parte.) Não
há remédio senão esse tratamento." (Continua.) um ne-
gocio urgente, e que a ambos nos dá respeito, me obriga a man-
dar-vos incommodar, rogando-vos que logo e logo que possais
me deis o gosto de vos receber em minha casa. Pelo que vos
ficará muito obrigado o vosso sempre amigo sincero" D. Al-
varo.

(Dobra o bilhete e chama Mathias ao golpe de campainha.)

Scena XVII.

O mesmo, e Mathias.

D. Alv. — Mathias, leva sem demora este bilhete a
casa do Senhor D. Gonçalo, e diz ao guarda-portão que
se faz mister que elle entregue sem demora este escripto. —
(Ao dar-lhe.) Namor, vai depressa.

(Volta Mathias apressado a buscar o chapéo, e sai.)

D. Alv. — (A si mesmo.) Escotherão prudentemente o
dia em que eu era no campo, entretido com a caçada.
Tudo Gabriella deixo, para mostrar-me que não carece
já de minhas dadiças, por haver outro que com outras

a presente. Ah! esperava talvez a perjuza que D. Gonçalo 35
mais do que eu a ame? Bem desjeje, sempre prevenido, e extin-
guirão. Eis aqui como são as mulheres! infastigáveis - n. de tu-
do! e até mesmo de serem felizes! Ah! poder tu vê-lo agora,
perfida, poder tu vê-lo, e pensar em mim?...

Acto XVIII.

O mesmo, e Mathias com um maço de papéis.

Math. — Senhor, ao descer a escada, um homem desconhe-
cido acabava de entregar ao Romão este maço de papéis. —
(Entrega-o a D. Alvaro.)

D. Alv. — (Recebendo-o.) Um maço de papéis! (Olhando
para o subscripto.) A letra do subscripto é desconhecida;
mas o timbre parece ser do pae de Fabricella!... (Abre com
preocupação.) Que é isto? a bolsa que eu tinha dado a Am-
broisio com os trezentos cruzados em ouro, que lhe dei, e mais
duas sommas eguaes, que eu lhe havia mandado!... Per-
cebo tudo!... fui descoberto! O pae, indignado, torna a
enviar-me as minhas dadevas. Attivo e severo, qual o eu
conheci, logo que elle soube onde era a filha, veio sem deli-
da procural-a, e a obrigou a seguir-o. (Aprezado e com
vivacidade.) Pois não, isto não ha de ficar assim! Eu não
posso viver sem ella; vou libertal-a!
(Toca a campainha, e ao mesmo passo chama á porta Mathias.)

Scena XIX.

O mesmo, e Mathias.

D. Alv. — Vae já e já trataes dos aprestos para uma pequena jornada, que temos a fazer. Vamos, depressa as melhores mulas armadas, e tudo o mais que se tornar necessario para irmos até Collares.

(Não se, D. Alvaro por um dos lados da scena, e Mathias pelo fundo.)

(Montagem de scena. — Vista de um extenso campo com vinha, em Collares, e quasi no fim delle Gabriella, trabalhando na mesma vinha. — No plano anterior da scena deve haver uma estrada, que separe este logar daquelle em que se acha trabalhando Gabriella.)

Scena primeira.

Gabriella, so'.

Gabr. — (Trabalhando.) Mais que tudo me causa pena incrível a voltar ao meu primitivo vestuario, minha indigencia e trabalho! Já sinto feridos os pés, e endurecidas minhas mãos! Com tudo, são isto para meus males ligeiros! (Gemeendo.) Nada são as penas do corpo; são muito mais cruéis as do espirito! Eu bem podia tornar a abandonar esta vida; mas sei qual foi a amargura que causou a meu pae minha fugida; e por isso antes quero soffrer,

e assim acabar meus dias! Mas persegue-me a imagem da dor em que deixei D. Alvaro! Quantas vezes me não terá elle accusado de perfidia e ingratitude! Se ao menos lhe eu podesse escrever! mas não me deixou nem a liberdade, nem os meios. Achão pouco o abandonal-o; querem ainda que o eu esqueça! Mas pretes me esqueceri de mim mesma, e é para mim tão impossível aborreel-o! Se é culpado, seu amor é a causa; e não me justifica a mim puni-o. Em tudo o que elle fez, só houve em vista a minha felicidade, e a de meu pae. Enganou-se, e perdeu-me; mas na sua idade só se sabe amar.

Scene II.

A mesma, e D. Alvaro, mas em planos separados, sem saber um do outro.

D. Alv. — (Sentando-se junto de uma arvore, no primeiro plano da scena.) Aqui esperaremos por Mathias, a quem fiz disfarçar em camponez, para mais seguramente me informar se Gabriella trabalha só no campo; e desta sorte ter eu mais algum descanso!... Ah! violenta situação é esta para a alma de um amante!...

(Aqui ha um momento de silencio, e entretanto se vão apparecer Mathias, no plano da vinha entre os baticadores; o qual logo que divisa Gabriella só no campo, volta a preparar-se ao logar onde está D. Alvaro, que haverá na mão um relógio, indicando nisto marcar o tempo

que o criado se demora. E durante o espaço que Mathias gasta em chegar ao plano anterior da scena, continua Gabriella fallando consigo mesma.)

Gabr. — (Com pausa.) Sim... eu lhe devo... eu devo a mim mesma esclarecê-lo acerca de minha conducta... e isto visto deixará meu pai de ser obediado.

D. Alv. — (Olhando para o relógio.) Andador são já 25 minutos!...

Scena III.

Os mesmos, e Mathias.

Math. — (Aprezado.) Senhor! Senhor! boa noticia! ella lá está só, trabalhando no campo!

D. Alv. — (Levanta-se á pressa e com alegria.) Ah! em respiro!

Math. — Também se falla de a casarem.

D. Alv. — (Com espanto.) De a casarem!... Devo ver-l-a.

Math. — Acha-l-a-heis na sua vinha: dizem que alli trabalha todo o dia.

D. Alv. — (Consternado.) Justo Ceo! que emuldação! Namor, namor de pressa; quero ver-l-a; mas primeiro esconder-me-hei proximo da vinha; e tu com esse traje, espertarás se ella ainda está só, para me avisares. Não percas um instante; namor, namor.

(Não se apressador, e daqui a pouco torna Mathias a

appareces entre os batedores, expectando; e logo dá signal a D. Alvaro que Gabriella está só! — Mas durante o intervallo em que D. Alvaro e Mathias desapparecem da scena até ao momento em que tornão appareces, dev Gabriella preencher esse intervallo, continuando a fallar consigo.)

Gabr. — Ah! quão longo me tem hoje parecido o dia!... Elle já são bem extensos! entou já infartada! Que vida tão trabalhosa! Quanto custa a passar do bem para o mal! Ah, D. Alvaro! D. Alvaro! quanto penso em ti!...

Scena IV.

A mesma, e os dois; dando Mathias o signal convencionado.

(D. Alvaro caminha para Gabriella com cuidado, e vendo-a só, precipita-se-lhe, e lhe offerce os braços. — Ao ruido que elle faz a travéz das cejas, levanta ella a cabeça e o vé.)

Gabr. — (Exclamando.) Ah, meu Deus!... (A surpresa e a alegria lhe tirão o uso da palavra. Ella treme por um momento nos braços de D. Alvaro, e depois continua.) Ah, D. Alvaro! vós vós?! eis-aqui o que eu pe dia ao Céo! sou innocente aos vossos olhos; isto me basta; o resto eu o soffrerei. Adeus, D. Alvaro, adeus para sempre. Apartai-vos. Tende compaixão de Gabriella. Elle de nada vos argue. Perdeu-vos caro até ao ultimo suspiro.

D. Alv. — (Exclamando, e apertando-a contra o peito,

como se lhe quizessem arrancas.) Eu! eu deixar-te! oh metade de mim mesmo! viver eu sem ti! de ti longe! Não, não ha sobre a terra poder algum que nos separe!

Jabr. — Ha um para mim sagrado: a vontade de meu pae. Ah! se suspeitas a profunda dor em que o lanço a minha fuga! Sensível e benigno como sois, ter-me-hieis restituído as minhas lagrimas. Roubar-me a elle segunda vez, ou traspasar-lhe o peito com um punhal, fóra para elle a mesma coisa. Acerto bem me conheceis para o expiêdas de mim, sois bastante humano para vós mesmo o queis. Perdi uma esperanza que eu já não tenho. Adeus. Permitta o ceo que eu expie a minha culpa!... mas agora me custa o arqui-me della! Adeus, torno a dizer-vos. Meu pae não tarda; e seria horroroso se juntos nos encontrasse.

D. Alv. — E juntamente o que eu quero; eu por elle expi-
ro.

Jabr. — Ah! vós ides redobrar minhas penas!

Scena V.

Os mesmos, e Ambrosio.

Ambrosio. — (A D. Alvares, que avança para elle alguns papos, e se lhe lança aos pés.) Quem vós? (Admirado.) Que quereis? (Repara, vê-a, e exclama.) Infeliz! apartai-vos, retirai-vos da minha vista!...

D. Alv. — Não; eu morreria a vossos pés, se vós não dignardes ouvir-me.

38

Ambr. — Depois de haver perdido e deshonrado a filha, vos
atrevéis a apresentas-vos ao pae?!'

D. Alv. — Sou criminoso, eu o confesso. (Offerece-lhe a espada.) Eis aqui com que punis-me; porém, se me escutardes, espero tereis de mim piedade.

Ambr. — (Olhando para a filha.) Vês quanto é vil o
vicio, e qual é a sua vergonha; pois que obriga o homem a
arrojar-se aos pés do seu semelhante, e a supportar seus des-
prezos?

D. Alv. — (Com atteny.) Se eu fôra um homem vicioso,
longe de vos implorar, eu vos insultaria. Não attribuais mi-
nha humilhação, senão ao que ha de mais honrado e sobre
em a natureza; ao amor, a ~~mesma~~, a mesma virtude, ao
desejo que tenho de expiar uma culpa, talvez desculpavel,
e de que me não arguo tão cruelmente, senão porque tenho
coração sensível. Não sabeis dar desculpa a' força da idade,
e a' cegueira da paixão?!'

Ambr. — O mundo é bem feliz de que a vossa paixão
não tenha sido a do dinheiro! teríeis sido por certo um la-
drão. — (D. Alvaro estremece ao ouvir esta expressão; mas,
Ambrosio continua.) Sim, um ladrão; e porque não? Teríeis
vós a vilza de acreditar que a innocencia e a honra valem
menos que as riquezas, e que a vida? Não vos aproveitastes
da fraqueza e imbecilidade desta infeliz, para lhe roubar

estes dois thesouros? E a mim, seu pae, julgais que me fizestes
menor mal do que apasimar-me? Na occasião de afflicção
em que o peior malhado dos homens haveria piedade de mim,
vos chegais a mim, fingis lastimar-me, e dizeis convosco: =
eis-aqui um infeliz que não tem no mundo outra consolação
senão sua filha; é o unico bem que o ceo lhe deixou; ama-
nhã quero roubar-lha = Sim, barbaro, sim, malvado, eis-
aqui o que se passava em vossa alma! E eu credulo, eu vol-
ta entregava, eu fazia com que ella fosse em vosso alcance, certo,
para vos restituir aquelle veneno, com que julgaveis corrom-
per-me: parecia-me que o ceo me advertia ser uma dadi-
va pernicioso e traidora; resistia eu a este movimento, ob-
stinava-me em acreditar-vos compasivo e generoso; e vós só é-
reis perfido e deshumano; e a mão que eu beijára, e que ra-
gára com minhas lagrimas, preparava-se a arrancar-me
o coração. (Indicando Gabriella.) Eis-aqui a infeliz victima
de vossas seducções; eis-a que hoje molha com suas lagrimas
o pão com que se nutre. Educada na simplicidade de u-
ma vida innocente e laboriosa, ella a amava; agora a detes-
ta; vós lhe fizestes insupportavel o trabalho e a pobreza; per-
deste com uma innocencia a alegria; e já lhe não é licito es-
quer os olhos sem côras. Mas o que me desespera, o que já
nunca vos perdooarai é o haverdes fechado o coração de

minha filha; extinguistes com sua alma os sentimentos da natureza; fizestes com que a companhia de seu pae seja para ella um supplicio; talvez... ah! eu me não atrevo a dizel-o... talvez elle se seja odioso!

Gabr. — (Lancando-se aos pés de seu pae.) Ah, meu pae! isso é punir-me de mais! Tudo mereço, excepto a reprehensão de haver deixado de amar-vos.

D. Alv. — (Excepcionalmente interrompido, também se prostra.) Meu pae, perdoai-me, e perdoai-me; abraçai vossos filhos; e se o rapto de Gabriella não é muito indigno do nome de seu esposo, eu vos supplico que me concedais.

Ambr. — (A D. Álvaro.) Se houvera um outro meio de me restituir a honra, e de vos reparar a ambos a innocencia, recusaria sem duvida este em que me fallais. Mas visto ser o unico, o aceito; e muito mais por vós do que por mim; porque eu nada quero; nada espero de vós; morrerei, cultivando a minha vinha.

D. Alv. — Não, meu pae, já mais consentirei tal; quando mesmo não quierais deixar o cam-

po, eu vos comprarei algumas terras, para que outros a fa-
briguem, e vós descançeis. Agora, vinda, eu vos rogo, vin-
de para Lisboa assistis ao nosso despoorio.

(Deixe o pauno.)

Fim.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema